Artigo original Recebido em: 18/09/2017 Parecer emitido em: 20/02/2018

MACHADO, E.; MARRA, L.; LOBO, H.; O ensino do judô como parâmetro de mudança comportamental para conscientização do bullying escolar. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v. 17, n. 01, p.83-92, 2018. ISSN; 1981-4313.

BULLYING: UM ENFOQUE JUDOÍSTICO NA PREVENÇÃO A VIOLÊNCIA ESCOLAR

Eliazar Machado
Lucas Marra
Hetty Lobo
Centro Universitário de Brasília

RESUMO

O bullying é compreendido universalmente como comportamentos conjuntos que englobam agressividade intencional de forma progressiva, sem motivo algum; atitudes aprovadas por um ou mais estudantes contra outro (a) infligindo dor, angústia, sofrimento. Jigoro Kano buscou aperfeiçoar métodos para aprimorar o físico e o intelecto do ser, focando na vida como viés pedagógico, e também restaurar a dignidade moral da sociedade japonesa. A partir destas informações, o objetivo do presente estudo foi verificar a ocorrência do bullying escolar, enfatizando como forma de prevenção a prática do judô. A amostra foi constituída de 49 estudantes do ensino médio, na faixa etária entre 15 e 16 anos, sendo (28) do sexo masculino e (21) do sexo feminino. Este estudo foi realizado de caráter transversal com amostra quantitativa, onde foi aplicado questionário adaptado de Nascimento (2013) para verificar os conhecimentos acerca do bullying escolar para produzir informações que viabilizem o combate à violência de qualquer natureza. Constatou-se que 70% dos meninos já praticaram o bullying em relação a 55% das meninas que disseram já ter praticado bullying. Foi verificado que 70% dos meninos já sofreram bullying e das meninas pesquisadas, 55% responderam ter sofrido este tipo de violência. Existem várias referências ao fenômeno "violência na escola", porém pouca praticidade em relação ao bullying. Portanto, o judô dispõe de diversos benefícios e, com o aumento da concentração, têm-se ganhos nos níveis na capacidade de manter o foco e no planejamento, mas também ultrapassam as barreiras do utópico filosófico da criação da arte suave, com isso o incremento da prática diária do Judô, que engloba a disciplina, respeito e a hierarquia devem ser implantados no contexto escolar.

Palavras-chave: Judô. Bullying. Educação Física Escolar.

BULLYING: A JUDOISTIC APPROACH TO PREVENTION AND COMBATING SCHOOL VIOLENCE

ABSTRACT

Bullying is understood as joint behaviors that encompass intentional aggressiveness in a progressive way. Jigoro Kano sought to perfect methods for improving the physical and the intellect of being, focusing on life as a pedagogical bias, and also restoring the moral dignity of Japanese society. From this information, the objective of the present study was to verify the occurrence of school bullying, emphasizing as a form of prevention the practice of judo. The sample consisted of 49 high school students aged 15 to 16 years old, being (28) males and (21) females. This study was characterized with a cross-sectional character with a quantitative sample, where a questionnaire adapted from Nascimento (2013) was applied to verify the knowledge about school bullying to produce information that makes it possible to combat violence of any kind. It was found that 70% of the boys said they had practiced bullying in relation to 55% of the girls who said they had already practiced bullying. It was verified that 70% of the boys reported having suffered bullying and the girls surveyed 55% said they had suffered this type of violence. There are several references to the phenomenon "violence in the school", but little practicality in relation to Bullying. Therefore, judo has several benefits and increased concentration, gains in levels of ability to maintain focus and planning, but also overcome the barriers of the philosophical utopian creation of soft art, thereby increasing the practice Judo, which encompasses discipline, respect and hierarchy must be implemented in the school context.

Keywords: Judo. Bullying. Physical School.

INTRODUÇÃO

Os indivíduos contemporâneos vivenciam várias modificações sistemáticas em seu comportamento e forma de ser, sendo um processo conhecido como crise de identidade. Este fenômeno vem sendo separado de maneira muito rápida do comportamento de pessoas e criando, assim, novas identidades e propiciando o comportamento agressivo. Antes, os indivíduos eram conhecidos por possuírem uma forma semelhante e singular de ser, ou seja, eles tinham o mesmo comportamento em todos os âmbitos de sua vida (FORMIGA *et al.*, 2008).

Um dos recursos que vem acelerando esta separação dos sujeitos é a globalização, que é um conjunto globalizado de modificações na ordem de mudanças econômicas, políticas e sociais. Este processo tem aumentado nas últimas décadas e está acompanhado de uma intensa revolução na área das comunicações, que aproxima povos e culturas do mundo inteiro. Se por um lado a globalização separa o sujeito com um excesso de informação, por outro lado, cria uma tendência à homogeneização, principalmente nas questões culturais, como a música, moda e tecnologia (ROSA, 2014).

No entanto, outro aspecto importante que vem prejudicando a formação dos adolescentes é o contato muito próximo com a questão da violência, seja em nível mundial, nacional, escolar e familiar.

Associados às questões da violência, há, hoje, outra forma mais contemporânea de violência que é o bullying e o cyber bullying.

O bullying é compreendido universalmente como comportamentos conjuntos que englobam agressividade intencional de forma progressiva, sem motivo algum; atitudes aprovadas por um ou mais estudantes contra outro (a) infligindo dor, angustia, sofrimento (QUINTANILHA, 2011).

Já a (Unesco), Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, classifica o bullying como uma forma de violência contra as pessoas, ocorrendo de forma física ou verbal, podendo ocorrer na escola ou em seus arredores (ABRAMOVAY; RUA, 2007).

Olweus (1991) descreve o bullying como fenômeno de vitimização (intimidação, ameaça, provocação), repetidamente por tempo prolongado, expondo qualquer indivíduo a ações vexatórias por parte de uma ou mais pessoas.

Segundo Beane (2010) o bullying se classifica em comportamentos verbais, físicos, relacionais e sociais. O bullying se concretiza em comportamentos agressivos envolvendo, tapas, cotoveladas, empurrões, colocando o pé na frente para derrubar o outro; esconder pertences, roubar, restringir o acesso ao pertence, por fim, todo ato que infringi contra a integridade física, engloba também ameaças veladas, gestos ou palavras.

E neste sentido, adolescentes, Jovens e crianças possuem características biopsicossociais, tendendo a espontaneidade, apresentando agressividade direta ou indiretamente. Sendo assim, as características peculiares a eles são vulneráveis a fatores extrínsecos, ou seja, do meio social externo (FORMIGA *et al.*, 2008).

Segundo Tognetta *et al.*, (2010), foi verificado que os alunos seguem ameaçados, intimidados, excluídos, humilhados ou menosprezados, por outros alunos enquanto que as autoridades escolares continuam sem observar que de fato existe um problema.

Para Almeida (2008), o tema violência parece não ser um problema para as autoridades, mas sim uma indisciplina, oriunda da transgressão às normas impostas pela autoridade do professor ou da escola, ou seja, com problemas na relação aluno e autoridade do que com a violência entre os alunos.

Segundo a UNESCO, a pedagogia e a metodologia do judô como modalidade esportiva é de utilidade global na formação do homem pois promove as características oriundas da modalidade de forma direta. Como método pedagógico, induz o domínio da cognição, físico-motor e social, sendo este um meio eficaz no desenvolvimento de crianças (BATISTA, 2011).

Portanto, o criador do Judo, Jigoro Kano, caracteriza a nova arte marcial como a máxima eficácia com o mínimo de esforço usufruindo do uso do corpo e da mente para o bem-estar mútuo (SCHULER, 2007).

Buscou aperfeiçoar métodos para aprimorar o físico e o intelecto do ser, focando na vida como viés pedagógico, o grande estudioso de filosofia em Tóquio propunha que nem sempre o maior e o mais forte vencia, isso provando em si mesmo pela sua baixa estatura.

O judô contribui para a formação educacional, baseando-se em atividades benéficas em ambiente agradável, proporcionando bem-estar psicológico e físico (BATISTA, 2011).

De acordo com Hokino e Casal (2001) a filosofia Judoísta, transforma o equilíbrio e a disciplina em métodos simplificados para encarar e conviver com o semelhante.

Pode-se concluir que o judô está atrelado a história cultural japonesa, permitindo aumentar os valores existentes, influenciado pela perspectiva do caminho suave (LIMA, 2006).

Ou seja, ao herdarmos alguns aspectos da cultura nipônica, seguindo principalmente a etiqueta das regras, como por exemplo, as saudações, os alunos são estimulados a internalizar o respeito ao local de treinamento e principalmente ao sensei e também aos outros judocas. Contudo, o professor precisa estar preparado e a todo instante deve manter a postura explicando o propósito e significado de cada regra.

Segundo Trusz e Dell'Aglio (2010), ao seguir determinadas regras, normas ou leis por determinação própria, independente das consequências externas imediatas, torna-se autônomo. Esta autonomia em obediência a uma regra, se dá pela compreensão de sua validade moral universal. Obedecem porque concordam que os motivos para a ação seria um bem para todos. De outro modo, na heteronímia da obediência a uma regra é cumprida pelo medo à punição ou pelo interesse nas vantagens a serem obtidas pessoalmente.

Geralmente os alunos tendem a priorizar a vitória, no entanto, o vínculo com as regras, propõe-se o respeito ao adversário ganhando ou perdendo, sendo este o objetivo de ambas as partes (TRUSZ; DELL'AGLIO, 2010).

Por isso Trusz e Dell'Aglio (2010), propôs que o judô promove o desenvolvimento moral e físico além da cooperação entre os praticantes, dispondo de desafios mentais e físicos, contribuindo para formação social.

Neto (1994) refere-se ao judô nos quais seus pressupostos devem promover os valores do ser humano, pautados em princípios cooperativos culturais e sociais entre seus praticantes, objetivos inerentes à prática do judô.

Twemlow *et al.*, (2008), constatou que a arte marcial tem capacidade e eficiência para ser um método para professores de Educação Física escolar.

Aulas progressivas de arte marcial proporcionaram resultados significativos contra o comportamento agressivo e o bullying. Com isso houve um aumento do espírito defensor entre os alunos, ativando a capacidade de raciocínio no decorrer da prática marcial, a partir do estudo de outros setores de conhecimento da escola, além disso, houve evolução da empatia em favor das vítimas de bullying.

Os achados de Hokino e Casal (2001), por meio do teste de STAXI, pesquisando o potencial individual de raiva e agressividade, inferiu que após algum tempo de prática no Judô, os níveis analisados em padrões individuais de agressividade diminuíram e o controle da expressão de raiva aumentou.

Com isso, o bullying deve ser tratado com relevância pela escola, família e sociedade, por promover a violência, desigualdade e injustiça social, além de pressões psicológicas ou físicas por parte do agressor, bem como, consequências físicas e emocionais de curto e longo prazo, nas quais podem causar dificuldades acadêmicas, sociais, emocionais e legais (FERREIRA; TAVARES, 2009).

As lutas podem ser conteúdos indiscutivelmente necessários, por agregar valores que vão da disciplina até a convivência social, apesar do pensamento de uma prática individual, ela compõe a coletividade, e assim aprimora o esquema corporal e cognitivo, formando cidadão solidário e crítico. Para isso, a cultura humana inserida por meio da construção histórica através das lutas na Educação Física escolar, deveria oportunizada por meio delas, valores construtivos, intermediado pelas indicações dos Parâmetros Curriculares Nacionais – (PCN's) são estabelecidos (BRASIL, 1997).

Segundo a Organização das Nações Unidas, na Declaração de Salamanca (1994) processos nos quais visem reduzir a exclusão devem consistir em uma participação efetiva dos estudantes, com enfoque na aprendizagem de todos, respeitando as diferenças pautadas na consciência crítica. Portanto, mudanças e alterações de conteúdo, métodos, estruturas, assim como uma visão estratégica que inclua todas as faixas etárias, convictos de que compete ao sistema educativo orientar e educar os alunos.

Cordeiro (2014) relata que a violência tem como consequência a desarticulação do ensino-aprendizagem, dificultando processos interacionais no contexto escolar, entre professores e estudantes da gestão institucional e dos pais. Infere-se que a incidência e reincidência do bullying ocorram fora do olhar da escola ou dos pais e que as vítimas não relatem, com isso, se faz necessário intervir com estratégias inovadoras para alcançar de alguma forma quem vivencia a violência escolar.

Um dos temas mais visualizados nos dias atuais é a violência e a agressividade. A todo momento se podem ver tais atitudes em estádio de futebol, em festas e no ambiente familiar. Esta prática vem tornando-se mais comum no ambiente escolar. Portanto, estas atitudes podem ser explicadas como um reflexo da sociedade que cerca a escola e os alunos, tornando esse problema abrangente (PACHECO, 2012).

No entanto as crianças acabam sendo motivadas, ou seja, influenciadas pela a mídia, amigos ou parentes a replicar as mesmas atitudes. A produção de uma imagem positiva sobre essas práticas é interpretada como ato comum. E os alunos que não tem esta atitude, são tachados de covardes. Escolas públicas e privadas apresentam vários casos de agressividade entre os alunos, a violência juvenil e principalmente o bullying estão sempre presentes nestes ambientes.

Campanhas que visam reduzir os índices de evasão escolar e de violência proporcionando um melhor desempenho no ensino aprendizagem podem ser um forte apoio contra as manifestações agressivas (VOORS, 2010).

Neste contexto, Nascimento e Almeida (2007), descreve que a educação das crianças deve ser de forma consciente, incentivando o potencial de movimento, auxiliando a moverem-se com confiança e segurança, valorizando hábitos saudáveis. Para isso um programa de Educação Física escolar deve objetivar estes pressupostos.

Portanto, é de extrema importância conduzir um debate acerca do fenômeno bullying nas escolas, nas aulas de Educação Física, instante em que evidencia a maior autonomia das crianças em situações de competição. Por isso que vários pontos devem ser analisados, como o papel do professor frente a esse problema, além disso, atentando-se para acontecimentos de que as suas atitudes ou ausências podem provocar situações de bullying como, por exemplo, favorecer a competição em detrimento da cooperação, do afastamento dos menos habilidosos.

A escola precisa primar-se pela responsabilidade, conhecer a realidade social, para programar ações que sejam efetivas para combater eficazmente esse problema.

Os professores devem apresentar sugestões de ações que possam combater o bullying, dialogando com a comunidade escolar e explicando que a escola precisa ser vista como um ambiente onde há muita heterogeneidade onde todos devem relacionar-se com harmonia.

Sendo assim, utilizar o Judô como uma alternativa de conteúdo pedagógico para o combate ao bullying ou qualquer outro tipo de agressão aos alunos, também é um passo relevante para a resolução dos conflitos.

É evidente a urgência de pesquisas nessa área que possam oferecer subsídios para os futuros professores de Educação Física.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo, de caráter transversal com amostra quantitativa. Foi utilizado neste estudo, um grupo contendo 49 estudantes, do ensino fundamental e médio, do gênero masculino (28) e feminino (21), com média de idade de 16,1 anos (DP. ± 1,3 anos), e o outro do gênero feminino, com média de idade de 15,9 anos (DP. ± 1,0 anos) de um colégio particular localizado em Brasília- DF. Os procedimentos e objetivos do estudo foram informados aos participantes voluntários através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Este foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB e aprovado com CAAE:58878916.6.0000.0023.

O instrumento utilizado neste estudo foi o questionário adaptado de Nascimento (2013), caracterizado por questões fechadas sem excluir as questões abertas caso necessárias. Foi aplicado um questionário com 9 questões fechadas, à primeira deveriam ser respondidas todas as alternativas, a terceira, quarta, sexta e décima terceira, foram compostas por duas alternativas e uma única resposta. Nas décima, décima primeira, décima segunda, décima quarta e décima quinta houve quatro opções, mas somente uma escolha das alternativas. As questões 2, 5, 7, 8 e 9 foram perguntas abertas e se optassem na alternativa sim, deveriam discorrer sobre suas respostas. A análise estatística foi realizada por intermédio do programa Microsoft Office 2007.

RESULTADOS

A tabela 1 apresenta a frequência de resposta a respeito da prática do bullyng, quando comparados entre os sexos, 70% dos meninos disseram ter praticado o bullying em relação a 55% das meninas que disseram já ter praticado bullyng.

Tabela 1 - Frequência de resposta sobre bullying.

	Q1. Você já praticou bullying?	
	Sim %	**Não %**
Masculino	70	30
Feminino	55	45

Fonte: Produção do próprio autor.

A tabela 2 apresenta a comparação entre os sexos que foram vítimas do bullying. 70% dos meninos relataram que sim, 30% responderam que não. As meninas pesquisadas 55% relataram que sim, 45% disseram que não.

Tabela 2 – Frequência de resposta violência na escola.

	Q2. Você já sofrei bullying na escola?	
	Sim %	**Não %**
Masculino	70	30
Feminino	55	45

Fonte: Produção do próprio autor.

A tabela 3 faz análises da frequência das respostas, se há campanha para combater este tipo de violência, 78% dos meninos disseram que sim, 22% disseram que não, em comparação, 45% das meninas disseram que sim, 55% disseram que não.

Tabela 3 – Frequência de resposta à escola que você estuda, já realizou alguma campanha preventiva a este tipo especifico de violência.

	Q3. A escola que você estuda, já realizou alguma campanha preventiva a este tipo específico de violência?	
	Sim %	**Não %**
Masculino	78	22
Feminino	45	55

Fonte: Produção do próprio autor.

A tabela 4 representa a frequência de resposta se já acessou, em sites como o youtube, vídeos mostrando agressões contra estudantes dentro do espaço escolar (como brigas e brincadeiras de mau gosto)? Se sim, o que achou desse tipo de vídeo? 25% dos meninos disseram que sim quando 75 % disseram que não, em comparação 75% das meninas acessaram e 25% não acessaram.

Tabela 4 – Questionados se já havia acessado em sites como youtube.

	Q4. Você já acessou, em sites como o youtube, vídeos mostrando agressões contra estudantes dentro do espaço escolar (como brigas e brincadeiras de mau gosto)?	
	Sim %	**Não %**
Masculino	25	75
Feminino	75	25

Fonte: Produção do Autor.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Quando verificado no presente estudo a frequência de resposta dos estudantes que já praticaram o bullying comparando entre os sexos, 70% dos meninos disseram ter praticado o bullying em relação 55% das meninas que disseram já ter praticado bullying.

Entretanto, um estudo realizado por Malta *et al.*, (2010), apresentou uma análise com 110.873 entrevistados e verificado que (84%) dos entrevistados disseram já ter praticado bullying, sendo relatado por um quinto dos estudantes, predominando em meninos, mais velhos, da cor preta e amarela, filhos de mães com maior escolaridade, de escolas privadas, sendo mais frequente nas regiões Sudeste e Sul e menos frequente no Norte e Nordeste.

No presente estudo, quando comparados os meninos e as meninas, 70% dos meninos relataram já ter sofrido violência na escola e 55% das meninas também relataram ter sofrido violência na escola.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2008), foi realizada nos Estados Unidos uma pesquisa com 15.503 estudantes, em 158 escolas, revelando que 20,1% dos estudantes foram vítimas de bullying na escola nos 12 meses que antecederam à pesquisa, sendo mais frequente entre as meninas 22% do que entre os meninos 18,2%.

Na tabela 3 os estudantes foram questionados a respeito de possíveis campanhas de combate a violência escolar, 78% dos meninos disseram que sim e 22% que não há campanhas preventivas, já nas respostas das meninas, 45% disseram que há campanhas preventivas e 55% relataram que não, percebe-se que houve uma falta de informação quanto à realização de campanhas preventivas. Com base nessas informações, entende-se que a escola preocupa-se com a violência nas suas dependências, porém, não na sua totalidade, pois os percentuais dos que responderam não haver prevenção contra o bullying foram altos.

A Lei 4.837, de 22 de maio de 2012, dispõe sobre a conscientização, prevenção e combate ao bullying nos estabelecimentos escolares públicos de educação do Distrito Federal, garantindo amparo quanto a atos de violência de qualquer natureza ou a qualquer indivíduo dentro da escola, garantindo direito legal de proteção pela instituição escolar (BRASIL, 2012).

Os envolvimentos das meninas eram menores, isso se deva pelo fato que são tidas como apenas "fofoca" ou bullying verbal, no entanto, há diferenças para as vítimas. Mediante essas informações, o bullying não existirá sem que seja direcionado a alguém, ou seja, a uma vítima. Em 2009 constatou-se que 50% dos casos de bullying ocorreram em sala de aula. A pesquisa constatou que 12% dos que eram agredidos eram meninos e 7% meninas.

Na tabela 4, os alunos responderam se já acessaram vídeos no youtube mostrando situações de agressões de estudantes dentro da escola. 25% dos meninos disseram que sim e 75% não assistiram. Já no caso das meninas ocorreu o contrário, 75% disseram ter assistido vídeos sobre agressões nas escolas e 25% relataram não ter assistido nenhum vídeo sobre o bullying escolar.

O bullying é um problema mundial onde se evidencia que cerca de 10% das vítimas sofrem abusos praticados por colegas, várias vezes por mês, contudo, os níveis mais altos registrados no Brasil indicam o Centro-oeste com maior caso de bullying em percentuais de 14% acima da região sudeste inclusive de 12% (MEOTTI; PERÍCOLI, 2013).

Rosa (2014) em suas colaborações afirma que atitudes violentas ocorrem especificamente no recreio/intervalo talvez pelo momento diferente do contexto de sala de aula, isso gera comportamentos e brincadeiras violentas que na maioria das vezes começam com brincadeiras inocentes e, consequentemente, em alguns casos, os limites são rompidos, acarretando em situações de agressões e isso se deve pelo não direcionamento ou mau direcionamento adequado das atividades nos intervalos.

Os modelos educativos podem contribuir para o crescimento do bullying, em princípio pautado em concepções pedagógicas exclusivistas, excludentes e individualistas em relação às crianças, na ausência de limites, de valores, de regras de convívio em sociedade, alheias à punição e ao castigo, intimidam e não sabem resolver conflitos sem violência (SÓ, 2010).

Um dos princípios filosóficos da arte marcial e o respeito ao próximo, isso você consegue demonstrar nas brincadeiras realizadas, colocando regras e misturando os alunos fracos com os fortes, para conquistarem uma vitória, um deve ajudar o outro com um único objetivo, mas com um trabalho em conjunto (SOUZA; FACHIN, 2008).

A prática do judô envolve os ganhos em comportamento, respeito, disciplina, conduta, responsabilidade, inteligência cognitiva e outros que agregam positivamente o desempenho nas relações interpessoais no contexto escolar (SILVA, 2013).

Através das práticas do judô como confrontante da violência ministrada dentro da cultura corporal, traz a possibilidade de os estudantes experimentarem sua personalidade através de estilos. Sendo eles: irreverente, ousado, retraído, agressivo, entre outros. Deste modo, o domínio sobre os seus próprios movimentos induz construir a especificidade gestual dos estudantes (CARTAXO, 2011).

Por meio das práticas de jogos, principalmente as artes marciais, podem compor uma melhora no comportamento agressivo nas aulas de Educação Física escolar, onde na maioria dos casos, houve essas manifestações. Fazendo-se necessários estudos mais profundos sobre as artes marciais e o controle da agressividade e na formação do caráter do cidadão (PACHECO, 2012).

Em um estudo com judocas, verificou-se o aumento de concentração nas áreas que são responsáveis pelo aprendizado motor pela coordenação postural, e também em áreas responsáveis pela concentração e o planejamento. Essa evidência significa que a densidade da concentração presente nos neurônios ocorre de forma predominante. Em se tratando dessas hipóteses, ocorre que, ao vivenciar os exercícios representados pelo judô, os estímulos da plasticidade neural são desenvolvidos, favorecendo o aprendizado motor em áreas motrizes no campo sensorial do planejamento (JACINI, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O motivo que nos leva a propor essa pesquisa, é que a violência praticada por bullying no Brasil é pouco estudada, principalmente no ambiente escolar. Há muitas referências ao fenômeno "violência na escola", porém pouca praticidade. Ao longo dessa pesquisa, apresentamos algumas considerações construídas, no decorrer do trabalho, acerca do bullying. O estudo possibilita entender que as escolas identificam apenas algumas possíveis características do fenômeno e apresentam dificuldade na compreensão das diversas situações que envolvem o bullying. Talvez, tal situação ocorra por que o bullying é muito mais complexo do que se pode imaginar, pois engloba características diversas e trata-se de uma violência contínua e sufocante que compromete o desenvolvimento da criança, impulsionando-a a desenvolver diversos traumas e bloqueios que repercutem sobre toda a sua vida. A dificuldade em reconhecer o bullying pode ocorrer também porque as vítimas normalmente sofrem caladas, com medo de expor a situação de repressão e acabam ficando presas a tal violência, acarretando diversas implicações no seu próprio desenvolvimento. Nesse caso, constatamos a ausência da percepção sobre o sofrimento da criança, o que pode reforçar a fragmentação do entendimento do fenômeno que os professores demonstram ao tentar lidar, sem sucesso, com tal situação.

Entendemos que o judô como método de treinamento, e principalmente como filosofia de vida, como o a tradução da terminologia "ju" e "do" significam caminho suave, ao percorrer esse caminho, o praticante dispõe de diversos benefícios, dentre eles não só de níveis de concentração que são importantíssimos para manter o foco e o planejamento, mas também ultrapassam as barreiras do utópico filosófico da criação da arte suave, com isso o incremento da prática diária do Judô tradicional que engloba a disciplina, respeito e a hierarquia devem ser implantados no contexto escolar. O que se percebe é que os ideais foram alcançados pelo mestre que sonhava com honra, respeito, e acima de tudo, desenvolver o ser como um todo.

Indiscutivelmente, o judô é uma disciplina necessária nas aulas de Educação Física, por se apropriar de conceitos que estão além de uma simples prática esportiva, com viés sociocultural e contemporâneo.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 2016), indiscutivelmente, o judô é uma disciplina necessária nas aulas de Educação Física, por se apropriar de conceitos que estão além de uma simples prática esportiva, com viés sociocultural e contemporâneo.

Por isso a escola precisa se apropriar dessas práticas filosóficas de vida que pode ser o caminho para influenciar nas mudanças de ideias, de comportamentos e valores, tanto para os profissionais atuantes da escola que precisam estar preparados para enfrentar o bullying, quanto para os alunos que serão capazes de agir de forma responsável, consciente e autônoma, frente às diversas situações do cotidiano.

Compreendemos que a escola precisa ser um local seguro, tranquilo e agradável, que permita à criança aprender e a socializar-se, desenvolver responsabilidades, defender ideias e, acima de tudo, assumir uma autonomia própria.

Porém, para a escola atingir tal objetivo, faz-se necessária a recuperação deste ambiente, permitindo o desenvolvimento eficaz do processo de ensino-aprendizagem, com isso o incremento da prática diária do Judô tradicional que engloba a disciplina, respeito e a hierarquia como métodos eficazes de ordenação e coordenação social e psicomotora, devem ser implantados no contexto escolar de forma que os alunos se apropriem dessas práticas culturais de movimento.

No entanto, as pessoas são seres sociáveis necessitando de interações com seus iguais, embora algumas vezes, esses relacionamentos tornam-se estremecidos pelas diferenças e pelo confronto de ideias ou opiniões.

No caso do bullying, existe uma relação desigual de poder, onde uma das partes, necessariamente, estará em situação de desvantagem em relação ao outro. Por não ter meios de competir ou repelir aquela situação traumática, acaba por ser estigmatizado, sofrendo os mais variados sentimentos de angústia e impunidade diante da violência sofrida, que pode ser física ou psicológica. Portanto, a criança e o adolescente podem ter sua dignidade ferida pelas práticas de bullying, já que diversos direitos humanos fundamentais ficam vulneráveis. Vale enfatiza que a necessidade de ambos os envolvidos – vítima e infrator – tenham um espaço propício ao diálogo e à exteriorização de seus sentimentos. Esse canal comunicativo possibilita que várias pessoas ou membros da comunidade envolvida no conflito e afetada pelo crime ou pelas práticas delitivas, possam participar ativamente na construção de soluções que melhor atendam às suas necessidades. Contudo, segundo os dados da pesquisa, deve-se ter uma atenção voltada principalmente para a questão de que a violência está sendo cometida em grande parte por crianças e adolescentes dentro das instituições de ensino, comprometendo seriamente a qualidade da educação e preocupando pais e educadores. Enfim, para combater a violência estrutural nas escolas, é indispensável que a comunidade escolar, pais e sociedade, reconheçam que o bullying causa danos para os envolvidos e que deve ser enfrentado com toda seriedade possível. Desta forma, a tendência à agressividade e violência elucidadas previamente por meio de ações interdisciplinares e práticas esportivas com regras, podem prevenir que o bullying ocorra.

Sendo assim, a escola voltará a ser um ambiente saudável e seguro para todos os seus alunos, pois não existe um bem maior para o ser humano que a educação. Uma conquista diária que deve ser buscada com muito apoio, afeto e diálogo. Por isso, todas as partes envolvidas têm voz: alunos, pais e professores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.; **A vitimização entre pares em contexto escolar**. v.2, 3.ed. Coimbra: Quarteto, 2008.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M.G. Violência nas escolas. 4.ed. UNESCO; Instituto Airton Senna; UNAIDS; Banco Mundial, 2007.

BATISTA, M. **La práctica de judo en relación con el autoconcepto, la autoestima y el rendimiento escolar de los estudiantes de primer ciclo de primaria**. 2011. 411 f. Dissertação para obtenção do Grau de Doutor. Universidad de Extremadura - Facultad de Educación Departamento de Ciencias de la Educación. Badajoz: UNEX, 2011.

BEANE, A.L. **Proteja seu filho do bullying**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura/Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** estabelece os parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Câmara Legislativa do Distrito Federal. **Lei nº 4.837,** de 22 de maio de 2012. Dispõe sobre a instituição da política de conscientização, prevenção e combate ao bullying nos estabelecimentos da rede pública e privada de ensino do Distrito Federal e dá outras providências. Brasília, 2012.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Lei de diretrizes e Bases da educação - **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Câmara dos Deputados, 2016.

CORDEIRO, J.O. O ensino do judô como possibilidade de minimização da violência física entre alunos. In: **Anais...**SEMINÁRIO DO MESTRADO ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA, p.1, Goiânia: UFG, p.85-90. 2014.

CARTAXO, C.A. **Jogos de combate**: Atividades recreativas e psicomotoras, teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2011.

FERREIRA, J.M; TAVARES, H.M. Bullying no Ambiente Escolar. **Revista Católica**, Uberlândia, n.2, p.187, 2009.

FORMIGA, N.S. et al., **Agressão e Autoestima**: Um Estudo preliminar em Adolescentes Brasileiros. 2008. Disponível em: www.psicologia.pt/artigos/textos/A0403.pdf Acesso em: 20/11/2016.

HOKINO, M.H.; CASAL, H.M.V. A aprendizagem do judô e os níveis de raiva e agressividade. **Lecturas, Educación** Física y Deportes, Buenos Aires, año 6, n.31, fev. 2001. Disponível em:<http://www.efdeportes.com/efd31/raiva.html>. Acesso em: 22 jul. 2016.

JACINI, W.F.S. **Efeito do treinamento físico em judocas e corredores fundistas de alto nível na plasticidade neural.** 2007. 89 f. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas - UNICAP. Faculdade de Ciências Médicas. Campinas, SP, 2007.

LIMA, L.G. dos S. **O judô no currículo escolar: qual sua importância nas questões referentes à violência.** Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná. Orientador: Dr. Sérgio Santos. Curitiba, 2006.

MALTA, D.C. et al. Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE). **Ciência & Saúde Coletiva**, Ribeirão Preto, v.15, n. suppl 2, p.3065-3076, 2010.

MEOTTI, J.P; PERÍCOLI, M. A postura do professor diante do bullying em sala de aula. **Revista Panorâmica**, v.15, p.66-84, dez, 2013.

NETO, C. A criança e a atividade desportiva. **Revista Horizonte**, v. 10, n. 60, p. 203-206, 1994.

NASCIMENTO, P.R.B. ALMEIDA, L. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v.13, n.03, p.91-110, set/dez. 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3567/1968>. Acesso em: 21 abr. 2017.

NASCIMENTO, T.L.N. do. **Por detrás dos vídeos: um olhar reflexivo sobre o bullying**. 2013. 219 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília - UNB, Brasília, 2013.

OLWEUS, D.; Bully/victim problems among schoolchildren: Basic facts and effects of a school based intervention program. **The development and treatment of childhood aggression**, New Jersey, v.17, p.411-48, 1991.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Inequalities in Young People's Health. Health Behaviour in School-Aged Children. **International Report from the 2005/2006 Survey**. Copenhagen: Who Regional Office for Europe, (Health Policy for Children and Adolescents, no. 5), 2008.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, Declaração da ação, Enquadramento. Conferência mundial sobre necessidades educativas especiais acesso e qualidade, **Salamanca**, 1994.

PACHECO, R.L. A influência da prática das artes marciais na redução da agressividade em adolescentes, nas aulas de educação física. **Polêmica**, v.11, n.3, p.414-424, 2012.

ROSA, S.G. **Violências no recreio escolar**. 2014. 48 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Maringá - UEM, Maringá, 2014.

SCHULER, S. et al. Judô e jiu-jítsu e o desenvolvimento integral de crianças em séries escolares iniciais. 2007.

SILVA, L.H. da. **Apropriações educativas da prática do judô no desempenho escolar de alunos do ensino fundamental.** 2013. 94f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade de Brasília, UNB. Brasília, 2013.

SOUZA, R.P. de; FACHIN, M.P.C. **O judô e a sua socialização nas escolas**: superando a timidez e as dificuldades de aprendizagem. KANO, Jigoro. Tóquio: Kodokan, 2008.

SÓ, S.L. **Bullying nas escolas**: uma proposta de intervenção. Rio Grande do Sul: UFRGS. 2010.

QUINTANILHA, C.M. **Um olhar exploratório sobre a percepção do professor em relação ao fenômeno bullyng.** 2011. 68 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ. Rio de Janeiro, 2011.

TOGNETTA, L.R.P. et al.; **Um panorama geral da violência... e o que se faz para combatê-la**. v.1. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

TRUSZ, R.A.; DELL'AGLIO, D. D.; A prática do judô e o desenvolvimento moral de crianças. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v.3, n.2, p.117-135, 2010.

TWEMLOW, S.W. et al.; Effects of participation in a martial arts–based antibullying program in elementary schools. **Psychology in the Schools**, Kansas, v.45, n.10, p.947-959, 2008.

VOORS, W. **The parent's book about bullying:** Changing the course of your child life: for parents on either side of the bullying fence. Minnesota: Hazelden, 2010.

SMPW Quadra 17 Conj 01 Lote 02 Casa G
Condomínio Pingo D'Ouro- Park Way
Brasília/DF
71741-701